

## 6

# Matrizes Teóricas e Pedagógicas da Educação Dialógica de Paulo Freire

## Introdução

O capítulo anterior apresenta um “recorte” biográfico do educador Paulo Freire. Sua vida, o contexto sócio-político-cultural brasileiro e a influência de pensadores contemporâneos fundamentais para a elaboração de seu método educacional.<sup>482</sup>

A originalidade metodológica no educador Paulo Freire provém, em grande parte, de sua experiência de vida concreta envolvida e comprometida com a realidade do ser humano oprimido e sofrido. É categórico ao afirmar que “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem.”<sup>483</sup>

Experimenta uma realidade perpassada pelos diversos contrastes humanos que produz repercussão em seu espírito. Ele transforma sua inquietação em idéias, em teoria e *práxis*. A gênese, portanto, do pensamento de Paulo Freire tem como ponto de partida suas reflexões e práticas. Ele é um educador que só é entendido a partir dessa perspectiva. Tece seu saber na experiência diária com a dor humana que observa fielmente e, por isso, sua teoria nasce da observação, da reflexão *da e com* a realidade, pois “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio.”<sup>484</sup>

Seu método é construído através de matrizes teóricas e pedagógicas que fecundam a sua *práxis* educacional. Por questões metodológicas se apresenta as matrizes de maior relevância para o tema da tese de uma *educação para o amor* com o objetivo de conduzir a pessoa para uma compreensão e vivência da sexualidade humana de maneira mais integrada e humanizada.

---

<sup>482</sup> Cf. GADOTTI, M. *Convite à Leitura de Paulo Freire*, op. cit., p. 27, o autor exemplifica a importância da contextualização através de uma observação feita por Paulo Freire sobre as escolas brasileiras, em uma de suas conferências intitulada - “Escola primária para o Brasil”. P. Freire defende a tese de que o problema das escolas primárias brasileiras não está somente no número de oferta inferior à demanda social, mas igualmente na falta de “inserção” no contexto das crianças e das famílias brasileiras. A escola mostra-se inadequada, dissociada da realidade social, econômica e “culturológica”, não atende a sua finalidade e suas funções específicas, distancia-se da integralidade.

<sup>483</sup> FREIRE, P. *Educação e Mudança*, op. cit., p. 27.

<sup>484</sup> Idem. *Educação como prática da Liberdade*. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 43.

Entende-se que a prática educativa freireana é uma proposta de humanização/conscientização-libertação da pessoa que se aproxima do Caminho revelado em Jesus Cristo.

O pensamento educacional de Paulo Freire, com uma antropologia personalista, harmoniza-se com a perspectiva da antropologia teológica integradora e unitária que a Igreja pós-Conciliar assume.

O capítulo aborda elementos que se interrelacionam às matrizes teóricas e pedagógicas de uma educação dialógica e faz uma crítica ao modelo educacional tradicional denominado de “Educação Bancária”, presente na realidade das escolas brasileiras, em outros ambientes da sociedade que se dedicam à formação e em alguns setores pastorais. Ao criticar e rejeitar a educação bancária, Paulo Freire, apresenta sua visão antropológica, fundamental para a elaboração de sua práxis educativa. Compreender o ser humano a partir do aporte antropológico-filosófico que o educador redimensiona para buscar a “raiz da educação no ser humano.”<sup>485</sup> Vê-se o humanismo, assumido por Paulo Freire, sob a ótica política. Ensinar, para esse educador é sempre um ato que implica em liberdade, ética e política. Educação é politicidade.

A Dialogicidade, matriz teórica indispensável no pensamento freireano libertador, aponta para a realidade que educador-educando, só podem estabelecer em um verdadeiro processo de educação, quando dialogam, partilham vida e experiências. Esse processo acontece nas dialéticas *escuta-reciprocidade* e *humildade-autoridade*.

Instaurado o processo dialógico, dá-se espaço para a “pedagogia da pergunta”. Nos escritos freireanos, o ato de perguntar é parte integrante para o desenvolvimento da curiosidade e da criatividade.

Na proporção que a pessoa se percebe capaz de perguntar e é respeitada em suas questões e posicionamentos, incentivada pelo educador, o elemento central da tese freireana se instaura: a *pedagogia da autonomia*. Este “salto” qualitativo para a sedimentação de uma consciência crítica e libertadora supõe a criticidade e a relação entre teoria-prática. Só é possível o desenvolvimento de uma consciência crítica e libertadora a partir da compreensão sobre a necessidade da crítica e da auto-crítica no processo ensino-aprendizagem.

---

<sup>485</sup> APOLUCENO DE OLIVEIRA, I. *Educação de Paulo Freire: Aportes Filosóficos*. Texto elaborado, em abril de 2010, para fins didáticos, p. 1.

Conformando o pensamento educacional de Paulo Freire ao tema da pesquisa, apresentam-se as matrizes da *Amorosidade*, a *Corporeidade* e a *Sexualidade*, dimensões alicerçadas sobre a base da generosidade.

A possibilidade de dialogar com esse educador, que transforma sua experiência humana em objeto de libertação para o “outro”, seduz e encanta a medida que se aprofunda o estudo no conjunto de sua obra.

### 6.1. Crítica à Educação Bancária

Paulo Freire afirma que a concepção “bancária” da Educação é um instrumento maldoso de opressão. Denuncia e critica as relações entre educador-educando impressas por um caráter *narrador* ou *dissertador*.<sup>486</sup> A narração de conteúdos “tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito – o narrador – e objetos pacientes, ouvintes – os educandos.”<sup>487</sup> Narrar apenas pode ser um componente estéril e desta forma a educação se distancia da realidade tornando-a estática, parada e alheia à experiência existencial dos educandos. O educador transforma-se naquele “cuja tarefa indeclinável é 'encher' os educandos dos conteúdos de sua narração.”<sup>488</sup> A narração finda por tornar os educandos como “vasilhas”<sup>489</sup>, a serem preenchidas pelo educador. Paulo Freire define o que caracteriza como educação “bancária”:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção (“bancária” da educação. Arquivados, porque fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.<sup>490</sup>

<sup>486</sup> Cf. FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, op. cit., p. 65.

<sup>487</sup> Ibidem.

<sup>488</sup> Ibidem.

<sup>489</sup> Ibid., p. 66 encontramos a utilização desta expressão.

<sup>490</sup> Ibid., p. 67, sobre a concepção “bancária” ver também FREIRE, P. *Educação e Mudança*, op. cit., p. 38-40.

Paulo Freire reitera que a educação “bancária” alimenta a “cultura do silêncio”.<sup>491</sup> Há uma contradição, isto é, quanto mais se impõe o “saber” aos educandos, maior a passividade dos mesmos. A pessoa “ingênuo”, tende a adaptar-se ao mundo, à realidade parcial e pré-concebida, mantendo o “saber” em “depósitos”. É uma posição de apatia diante das situações da vida que explica os sinais de mimetismo, dos mecanismos de massificação e de manipulação aparentes nos comportamentos sexuais da sociedade e da cultura atuais. Sexo e alienação são coadjuvantes numa sociedade que gira em torno dos modismos, das sensações ou que se satisfaz com o pouco oferecido, com a falta de opções e tolhimentos das escolhas e da liberdade. Além desses “elementos”, a educação “bancária” sugere uma dicotomia entre homens/mulheres e mundo, isto é, “homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens expectadores e não recriadores do mundo.”<sup>492</sup>

Constata-se deformação na compreensão de consciência; entende-se a mesma como algo que é enxertado dentro dos homens, extrínseca à pessoa, compartimentalizada. Com isso a pessoa assume uma condição de passividade diante dos conteúdos da realidade. Paulo Freire reforça que:

(...) se para a concepção “bancária” a consciência é, em sua relação com o mundo, esta “peça” passivamente escancarada a ela, à espera de que entre nela, coerentemente concluirá que ao educador não cabe nenhum outro papel que não o de disciplinar a entrada do mundo nos educandos. Seu trabalho será, também, o de imitar o mundo. O de ordenar o que já se faz espontaneamente. O de “encher” os educandos de conteúdos. É o de fazer depósitos de “comunicados” - falso saber – que ele considera como verdadeiro saber.<sup>493</sup>

Essa prática educativa resulta na falta de percepção do processo “bancário” que aos poucos desumaniza e faz com que aqueles que a recebem reproduzam com maior força o mesmo mecanismo alienador. Paulo Freire é taxativo,

(...) se pretendemos a libertação dos homens não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. *A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens.* Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.<sup>494</sup>

<sup>491</sup> Cf. a expressão in: FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, op. cit., p. 69 e complementar com a p. 70 quando P. Freire desenvolve dez pontos sobre os reflexos da relação educador-educando na concepção “bancária”.

<sup>492</sup> Ibid., p. 72.

<sup>493</sup> Ibidem.

<sup>494</sup> Ibid., p. 77 (grifo nosso).

A educação “bancária” é antidialógica e não oferece ao educando o desafio necessário para que o mesmo conquiste uma postura crítica diante do mundo e da realidade em que está inserido.<sup>495</sup>

Na Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire desenvolve as categorias da teoria antidialógica (educação bancária) com severa crítica:<sup>496</sup>

- *A conquista* – é realizada pelo agente dominador sobre o dominado ou oprimido; toda conquista implica num sujeito que a realiza e num objeto conquistado. É a relação do sujeito que determina suas finalidades ao objeto conquistado. O oprimido passa a ser algo ou um objeto em posse do conquistador/opressor.
- *Dividir para dominar* - com o objetivo de manter os oprimidos “silenciados” e detidos sob o poder da dominação, são usados vários métodos e processos; o opressor, com seus artifícios enfraquece os oprimidos, ilhando-os, reduzindo-os à insignificância, à vulnerabilidade para a manipulação, produzindo e aprofundando cisões importantes. Paulo Freire explica que quanto mais se pulveriza a totalidade de uma área pertencente as “comunidades locais” que tenham trabalhos em desenvolvimento por estas mesmas comunidades, tanto mais se intensifica a alienação, isto é, quanto mais se parcializa uma totalidade, tanto mais a descontextualização é realizada diluindo toda força possível capaz de transformar as situações de manipulação e dominação.<sup>497</sup>
- *A manipulação das massas oprimidas* – é um dos instrumentos para se conquistar os oprimidos. Quanto mais imaturidade e ausência política e exercício da cidadania, mas facilmente as pessoas se deixam manipular e instrumentalizar.<sup>498</sup>
- *A invasão cultural* - os invasores tomam o contexto cultural dos “invadidos”, impondo a estes suas condições, visão do mundo, limitando a capacidade de criação e expansão. Com a invasão do universo cultural da pessoa ou do grupo, freia-se a criatividade e se inibe a possibilidade do *ser*

<sup>495</sup> Cf. GARCÍA RUBIO, A. *Teologia da Libertação*, op. cit., p. 155.

<sup>496</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, op. cit., sobre a Teoria da ação antidialógica e Teoria da ação dialógica, p. 145-218; cf. In: GADOTTI, M. *Convite à leitura*, op. cit., p. 71.

<sup>497</sup> Cf. FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, op. cit. p. 166-172.

<sup>498</sup> Cf. *ibid.*, p. 172-178.

*mais*. Aquele que invade, com arrogante superioridade, incute nos “invadidos” a idéia de inferioridade intrínseca. Quanto maior a invasão, imobilizando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais “estes quererão parecer com aqueles: andar como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu modo.”<sup>499</sup> Estes aspectos comportamentais estão presentes em relação às deturpações relacionadas à afetividade, à sexualidade e às diversas formas de expressividade egoísta e descomprometida com o outro.

A educação de Paulo Freire se contrapõe à educação bancária antidialógica e apresenta matrizes de sua teoria dialógica como: o *humanismo*, a *politicidade*, a *dialogicidade*, a *criticidade*, a *práxis* e a *amorosidade*, entre outras.

## 6.2. Educação Humanista e Política

### 6.2.1. O humanismo em Paulo Freire: ensinar é ato essencialmente humano e de formação humana

Para Paulo Freire o ser humano é um ser em busca constante para *ser mais*. O homem e a mulher são seres incompletos, inconclusos e inacabados. A consciência da inconclusão constitui o núcleo filosófico da educação freireana.<sup>500</sup> A “educação é a resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado.”<sup>501</sup> Essa busca pertence ao ser humano consciente de sua incompletude diante da completude de Deus. Conduz a pessoa numa empreitada para ser mais do que já é, e a encontrar-se a “si mesma”. Não é um voltar-se egoísta ou um individualismo exclusivista e solitário, o que seria uma forma de *ser menos*; mas é uma procura que se realiza junto com outros “seres que também procuram ser mais e em comunhão com outras

<sup>499</sup> Ibid., p. 179.

<sup>500</sup> Idem. *Pedagogia da Esperança*. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 66-68, nestas páginas o educador, responde à crítica recebida ao ser acusado de machista e reage afirmando que ao tratar sobre homem necessariamente inclui as mulheres e agradece pelas críticas recebidas. E afirma, “daquela data até hoje me refiro sempre a *mulher* e *homem* ou seres humanos. Prefiro, às vezes, enfeiar a frase explicitando, contudo, minha recusa à linguagem machista.” (p. 68).

<sup>501</sup> Idem. *Educação e Mudança*, op. cit., p. 27-28.

consciências, caso contrário se faria de umas consciências, objetos de outras. Seria 'coisificar' as consciências.”<sup>502</sup>

Há relação entre comunhão e busca, porque o homem é comunicação, é ser de relações, reflexivo, ativo e só pode ser na medida em que os outros são. É uma realidade existencial que a antropologia teológica apresenta através das relações humanas fundamentais.<sup>503</sup> Na relacionalidade, homens e mulheres, projetam-se para fora de si mesmos, transcendem e fazem história e cultura. O ser humano está no mundo e com o mundo. “Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu.”<sup>504</sup>

É necessário compreender que todas as pessoas possuem condição e capacidade para transformarem a si mesmas e os ambientes que as cercam. Todo ser humano, sensível e aberto, não se esgota em si mesmo, mas participa como sujeito concretamente no mundo, *com* os outros, e *com e em* Deus.

“É porque podemos transformar o mundo, que estamos com ele e com outros.”<sup>505</sup> Paulo Freire em relação ao caminho de transformação do *meio* e do *mundo*, pela educação, afirma,

é por isso que uma educação progressista jamais pode em casa ou na escola, em nome da ordem e da disciplina, castrar a altivez do educando, sua capacidade de opor-se e impor-lhe um quietismo negador do seu ser. É por isso que devo trabalhar a unidade entre meu discurso, minha ação e a utopia que me move. É nesse sentido que devo aproveitar toda oportunidade para testemunhar o meu compromisso com a realização de um mundo melhor, mais justo, menos feio (...).<sup>506</sup>

Toda pessoa é dotada de curiosidade para explorar novos caminhos e transformar as situações. Sem a curiosidade crítica do sujeito não há possibilidade da invenção e da reinvenção das coisas, da novidade, do conhecer melhor as próprias verdades e a história do outro. O sujeito histórico e cultural, precisa de coragem para atender aos desafios da curiosidade e da ação criadora que o caracteriza como ser humano.<sup>507</sup> Prossegue o educador,

estar no mundo, para nós, mulheres e homens, significa estar com ele e com os outros, agindo, falando, pensando, refletindo, *inteligindo*, comunicando o

<sup>502</sup> Ibid., p. 28.

<sup>503</sup> As relações fundamentais da pessoa são apresentadas no capítulo terceiro desta tese.

<sup>504</sup> FREIRE, P. *Educação e Mudança*, op. cit., p. 30.

<sup>505</sup> Idem. *Pedagogia da Indignação*, op. cit., p. 33.

<sup>506</sup> Ibid., p. 33-34.

<sup>507</sup> Cf. *ibid.*, p. 124.

*inteligido*, sonhando e referindo-se sempre a um amanhã, comparando, valorando, decidindo, transgredindo princípios, encarnando-os, rompendo, optando, crendo ou fechados às crenças. O que não é possível é estar no mundo, com o mundo e com os outros, indiferentes a uma certa compreensão de por que fazemos o que fazemos, de a favor de que e de quem fazemos, de contra que e contra quem fazemos o que fazemos. O que não é possível é estar no mundo, com o mundo e com os outros, sem estar tocados por uma certa compreensão de nossa própria presença no mundo. Vale dizer, sem uma certa inteligência da História e de nosso papel nela.<sup>508</sup>

Educação é uma palavra muito particular e em Paulo Freire assume “forte” conotação a partir do aspecto libertador/humanizador. O processo educacional freireano não se reduz à transmissão do saber, forma realizada pela educação bancária, mas deve refletir uma cultura que facilite a compreensão dos sujeitos acerca de si mesmos e os auxilie a viver melhor e mais dignamente.

E. Morin observa que:

O objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o de “criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida.”<sup>509</sup>

O processo libertador só é possível quando há uma reforma do pensamento, uma mudança de paradigma e não somente uma variação de programa ou de proposta pedagógica. Não se trata de negar conteúdos estabelecidos nos programas que são ensinados e que são pré-concebidos, mas é necessário perceber que os conteúdos para a educação hoje são pluriculturais. A metodologia educacional possui diversidade de movimentos de acordo com o contexto em que o educando está inserido e a sua experiência de vida.

A reflexão teológica dá sustentação a essa referência de educação em Paulo Freire, pois a mesma também é contextualiza. A teologia tem um lugar histórico e como todas as ciências acompanha o movimento do mundo e da sociedade e sofre suas interferências. O saber teológico é interpelado pelas realidades e problemas do humano e da sociedade. E. Morin denomina esse fenômeno de “realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais,

<sup>508</sup> Ibid., p. 125.

<sup>509</sup> MORIN, E. *A cabeça bem-feita*. Repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 47.

transnacionais, globais e planetários.”<sup>510</sup> Existe uma inadequação na percepção e compreensão acerca do contexto, do global, do multidimensional e do complexo, dificultando assim a pertinência do conhecimento.

Chama a atenção o multidimensional dessa teoria educacional; ela revela o ser humano na sua complexidade, nas suas dimensões como um ser bio-psico-sócio-espiritual, presente na história, que faz história, integrado e interligado a todas as outras dimensões e relações possíveis de se estabelecer.

A complexidade é resultado da unidade e da multiplicidade, mostra que tudo está interligado, está em rede, em contínua interação, marcando uma real e profunda interdependência entre o todo e as partes, das partes com o todo e das partes entre si. Perceber essa realidade é o início para mudar a forma do pensar e do conhecer.

### 6.2.2.

#### **A relação entre o “inacabamento inconsciente” e a dimensão ética na pessoa**

A prática educacional freireana “progressista” afirma que a pessoa ao mudar a sua maneira de pensar é capaz de aceitar o diferente. É um dos aspectos fundamentais da sua proposta educacional: o “inacabamento consciente”. Desenvolve esse conceito a partir do que entende como *suporte*<sup>511</sup>, isto é, o habitat específico de cada animal, lugar onde cada um encontra seu diferencial em relação aos outros animais e apoio entre os seus. “A experiência humana no mundo muda de qualidade com relação à vida animal no *suporte*.”<sup>512</sup>

Nos animais que não os seres humanos, falta-lhes a linguagem conceitual que viabiliza a comunicabilidade do inteligido bem como o reconhecimento do limite da possibilidade humana de conhecer e o espanto diante do mistério da vida. O suporte caracteriza a espécie muito mais que cada elemento isolado que não tem liberdade de opção. E P. Freire acrescenta que associado ao suporte indispensável na inconclusão destaca-se o elemento ético:

<sup>510</sup> Idem. *Os Setes Saberes necessários à Educação do Futuro*. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, UNESCO, 2003, p. 36.

<sup>511</sup> Cf. FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 50, para o educador, *Suporte* é o “espaço, restrito ou alongado, a que o animal se prende 'afetivamente' tanto quanto para resistir; é o espaço necessário ao seu crescimento e que delimita seu domínio. É o espaço em que, treinado, adestrado, 'aprende' a sobreviver, a caçar, a atacar, a defender-se num tempo de dependência dos adultos imensamente menor do que é necessário ao ser humano para as mesmas coisas.”

<sup>512</sup> Ibidem.

Por isso não se fala em ética entre elefantes. (...) Só os seres que são capazes de intervir no mundo, de ajuizar, de romper, de escolher; somente seres capazes de grandes ações, dignificantes testemunhos, mas também capazes de baixaza e indignidade, só seres assim tornaram-se éticos e por isso podem romper com ela. A partir da intervenção no suporte, os seres humanos foram criando o mundo, a linguagem com que deram nomes às coisas que fizeram com a ação sobre o mundo criando, assim, a necessária comunicabilidade do inteligido. O ser humano, desde então, “passou a existir” sob a tensão radical e profunda entre a dignidade e a indignidade, entre a decência e o despudor entre boniteza e a feiúra do mundo.<sup>513</sup>

Paulo Freire afirma que se deve *assumir* o direito e o dever de optar, decidir, lutar, fazer política e ser ético acima de tudo. Assim educação implica numa impositação ética entre o educador-educando e na sociedade como um todo.<sup>514</sup>

Relacionado à ética, na prática educativa freireana, integram-se outros saberes: o respeito pela autonomia do ser humano e à sua dignidade. Esses “saberes” se inscrevem no círculo de consciência da inconclusão. Na proporção que a pessoa admite sua incompletude, a ética lhe é exigida. Paulo Freire une a necessidade de profundo respeito à autonomia entre o educador e o educando e a ética entre os sujeitos para que se concretize a busca do *ser mais*. O autor considera, inclusive, o desrespeito, nesse caso, como uma transgressão de nível ético:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, sua inquietude, sua linguagem; que ironiza o aluno ou que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites, ou se furta ao dever de ensinar, transgride em igual grau de intensidade os princípios éticos.<sup>515</sup>

Uma das circunstâncias da falta de ética na transgressão da autonomia do outro, exercida pelos educadores está no autoritarismo que é capaz de “sufocar” a liberdade do educando travando o seu desenvolvimento e sua maturidade. Nesse sentido além da falta do respeito à autonomia, falta também o diálogo entre pessoas que se percebem inacabadas.<sup>516</sup>

Articulada a dimensão de inacabamento, os homens e mulheres precisam lidar com o mesmo critério aplicado à realidade que também não está pronta, que não é definitiva, que pode ser transformada e reinventada. É sempre um dado situacional que pode ser modificado. É um devir contínuo, voltado para uma dimensão projetual. Isso implica ressaltar a “imperiosidade da prática formadora

<sup>513</sup> Cf. *ibid.*, p. 51-52.

<sup>514</sup> O capítulo sétimo desta tese aborda de forma mais ampla sobre a compreensão de ética em educação por Paulo Freire.

<sup>515</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, op. cit., p. 59.

<sup>516</sup> Cf. *ibid.*, p. 60.

de natureza eminentemente ética”<sup>517</sup> e da valorização da esperança como possibilidade de intervir para melhorar. Paulo Freire admite que essa possibilidade de mudança o anima e revigora enquanto homem e educador. Constitui matriz pedagógica em P. Freire: *ensinar é um ato essencialmente humano e de libertação* com entonação ética.

Essa tendência humana de se auto-perceber inconcluso e de se considerar a historicidade do ser humano como um ponto essencial para uma orientação ética em vista da autonomia da pessoa, confere ao homem e à mulher, tempo para construir a própria “estória” e a história propriamente dita. É um elemento para a educação problematizadora. É o ser humano que ao intervir no mundo, o recria e problematiza para encontrar respostas.

A condição de ser inacabado torna a pessoa consciente de seus condicionamentos. E na articulação dessas duas dimensões, condicionamento e superação de si, o ser humano exerce o *ser mais*. Não é uma adaptação ao mundo já pronto, mas uma inserção num mundo dinamicamente construído. Essa posição, segundo Paulo Freire, seria a de alguém “que luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História.”<sup>518</sup> Aqueles que assumem a inconclusão de si mesmos (porque faz parte da natureza humana) assumem igualmente seu processo social de busca. A curiosidade que advém dessa busca torna-se fundante no processo de conhecer, isto é, “a curiosidade é já conhecimento.”<sup>519</sup>

A Educação é, portanto, um instrumento para a libertação da pessoa. Se assim o é, deve se investir na formação de pessoas livres e capazes de tomar as rédeas de suas vidas assumindo com autonomia a realidade em que se encontram. Passam a ser co-autores da História. É exercício da liberdade e emancipação na qual todo educando deve sentir-se interpelado, implica correr riscos e avançar no processo de re-humanização.

A liberdade deve ser incentivada como caminho interior para a autonomia. Aos poucos liberdade e autonomia, preenchem os espaços antes habitados pela dependência e pelos medos aterrados sem piedade na consciência do ser humano. A autonomia fundada na responsabilidade é assumida. O educador juntamente com o educando reinventa o “ser” humano no aprendizado de sua autonomia.

---

<sup>517</sup> Ibid., p. 52.

<sup>518</sup> Ibid., p. 54.

<sup>519</sup> Ibid., p. 55.

### 6.2.3. Educação e Politicidade: ensinar é ato de liberdade e político

Paulo Freire articula e integra educação e política. Na *Pedagogia da Esperança*, afirma que ao longo da história, mulheres e homens foram se tornando, cada vez mais, seres especiais. Deram espaço para a capacidade inventiva e criadora da possibilidade de uma real libertação na proporção em que se tornaram capazes de perceberem-se como pessoas inconclusas, limitadas, condicionadas e históricas.<sup>520</sup> Faz uma ressalva de que somente a percepção da condição de seres inconclusos, da própria limitação e da possibilidade de mudar a realidade é insuficiente. É necessário somar a luta política pela transformação do mundo. “A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade.”<sup>521</sup>

Muitas pessoas ou grupos sociais, infelizmente, negam a possibilidade de transformar a realidade, por conveniência, por ignorância ou pela dificuldade de sonhar. A concepção da história que apreenderam é mecanicista e fatalista. Para esses a história é coisa do passado, é estática, “é o que foi e não o que está sendo e em que se gesta o que está por vir.”<sup>522</sup> O presente é algo instituído e fechado. O presente é aceito como padrão e a idéia de futuro assumido como a consequente ação do presente como uma espécie de continuidade, mantendo assim o “*status quo*”.

Paulo Freire denomina esse grupo “determinista” como os “analfabetos” políticos e acrescenta que,

se, do ponto de vista linguístico, o analfabeto é aquele ou aquela que não sabem ler e escrever, o “analfabeto” político – não importa se sabe ler e escrever ou – é aquele ou aquela que tem uma percepção ingênua dos seres humanos em suas relações com o mundo, uma percepção ingênua da realidade social que, para ele ela, é um *fato dado*, algo que é e não que está sendo.<sup>523</sup>

O “analfabeto” político percebe o futuro como um dado pré-estabelecido. Na verdade a visão de futuro que possui é “domesticada”, determinando a forma de relacionamento com as coisas, com as pessoas e com o mundo. Nega que os seres

<sup>520</sup> Cf. idem. *Pedagogia da Esperança*, p. 100.

<sup>521</sup> Ibidem.

<sup>522</sup> Idem. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 91.

<sup>523</sup> Ibid., p. 90.

humanos são seres de *práxis* e com isso nega a própria história. É um sinal lamentável da falta de esperança e perspectiva de mudança para um tempo melhor.

Nessa realidade humano-existencial vê-se uma tendência de fuga da realidade, de fuga do que é concreto e a pessoa perde-se em abstrações e pode cair facilmente nas teias da sedução por todo tipo de mecanismos de alienação dos afetos, sentimentos e da própria sexualidade. O “analfabeto” político, quando experimenta a própria impotência diante da racionalidade de uma condição alienante, pode se esconder na subjetividade sustentando uma falsa segurança. Este se compara a um “outro tipo de analfabeto, que lendo mecanicamente um texto, não consegue perceber contudo, o que lê.”<sup>524</sup>

Paulo Freire indica alguns elementos a partir da compreensão de politicidade ou “atos políticos”, como o sonho, a utopia, a denúncia e o anúncio. Esses elementos são capazes de mudar as circunstâncias de massificação e alienação que o analfabetismo político produz. Segundo Paulo Freire sonhar é mais do que um ato político essencial, mas “também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se.”<sup>525</sup>

O sonho é um sinal de esperança e vida, pois “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança.”<sup>526</sup> Está presente no decorrer da história humana; aqueles e aquelas que sonham, são capazes de transformar suas vidas e o meio onde vivem. A história das sociedades é marcada pela certeza do poder “fazedor” de quem sonha e ousa, pois estes constroem e refazem-se no caminho do “fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres de inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no *sonho* também um motor da história.”<sup>527</sup>

O grande sonho a ser sonhado é o da humanização, cujo devir envolve a todos. É um caminho árduo, implica em atos corajosos e até heróicos. Acrescenta o educador que:

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O

<sup>524</sup> Ibid., p. 91.

<sup>525</sup> Idem. *Pedagogia da Esperança*, op. cit., p. 91.

<sup>526</sup> Ibidem.

<sup>527</sup> Ibidem.

*sonho* é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz. (...) É por isso que o opressor se desumaniza ao desumanizar o oprimido, não importa que coma bem, que vista bem, que durma bem. Não seria possível desumanizar sem desumanizar-se tal a radicalidade social da vocação. Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser.<sup>528</sup>

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, insiste que a utopia verdadeira acontece em meio à tensão produzida pela denúncia de um presente muitas vezes intolerável que toma a pessoa de indignação. É o anúncio de um tempo melhor, com ética, para um futuro a ser escrito, ser criado, re-construído, nos âmbitos da política, da estética, que reflita a dignidade das mulheres e dos homens. Ressurge a esperança e,

a utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não *morre*. Pelo contrário, continua.<sup>529</sup>

O próximo item aborda as matrizes pedagógicas essenciais na práxis educacional e inicia com o tema da consciência crítica e da educação dialógica.

### 6.3.

#### **Matrizes pedagógicas essenciais em Paulo Freire**

##### 6.3.1.

#### **A consciência crítica e a educação dialógica**

O fundamento originário do sistema educacional inovador de Paulo Freire é a relação ser humano-realidade, ambos inacabados, em permanente dinamismo, pois o ser humano modifica a realidade e é afetado por essa nova realidade. A educação deve assumir uma visão dialética e com reflexão crítica, pois somente dessa maneira o ser humano conhece a realidade em que está mergulhado e a transforma. A consequência direta do processo de conscientização é o compromisso com a transformação da realidade. Uma educação que liberta o homem e a mulher oprimidos, portadora de uma mensagem de conscientização da realidade, da opressão e de comunhão. Essa educação, parte da dialética “ninguém

---

<sup>528</sup> Ibid., p. 99-100.

<sup>529</sup> Ibid., p. 91-92.

educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão.”<sup>530</sup>

A *Conscientização* faz parte de um conceito central sobre a educação,<sup>531</sup> e P. Freire acrescenta que,

(...) foi precisamente no ISEB que ouvi, pela primeira vez, a palavra *conscientização*. Ao ouvi-la, percebi, imediatamente, a profundidade de seu significado, pois estava absolutamente convencido de que a educação como prática da liberdade é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade. Necessariamente, então, esta palavra começou a participar do universo vocabular com que expressei minhas posições pedagógicas e, facilmente, passou a ser considerada criação minha.<sup>532</sup>

Conscientização é um compromisso histórico e a descoberta de ser oprimido é o início do processo libertador. A pessoa, quando se percebe oprimida, deve assumir que a libertação só é possível a partir da transformação das situações concretas que se encontram ao seu redor. Esse fator engaja a pessoa para agir como denunciante de estruturas que desumanizam e a conduz ao anúncio de estruturas humanizadoras.<sup>533</sup>

Homens e mulheres dialogam e se colocam em contato *com* o mundo e *no* mundo.<sup>534</sup> O desenvolvimento para uma consciência mais crítica passa pela “leitura do mundo” e o ato de “ler” é ver o mundo, é “ler o mundo” na sua novidade e complexidade.

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura do mundo, de tal maneira que “ler o mundo” e “ler palavra” se constituam num movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E “ler mundo” e “ler palavra”, no fundo, para mim, implicam “reescrever” o mundo. Reescrever com aspas, quer dizer transformá-lo. A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo, que provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre, à leitura de novo do mundo.<sup>535</sup>

Transformar o mundo a partir de uma leitura libertadora é investir na humanização do ser humano, negando as artimanhas produzidas pelo engodo, pelo medo, pela culpa e pela força. A educação passa por investimentos que não

<sup>530</sup> Idem. *Pedagogia do Oprimido*, op. cit., p. 58.

<sup>531</sup> Cf. idem. Conferência realizada por P. Freire no Centro Intercultural de Documentação (CIDOC) em Cuernavaca, Morelos (México) em 1971. In: TORRES, C. *A Consciência e História*. A práxis educativa de Paulo Freire (Antologia). São Paulo: Loyola, 1979, p. 93.

<sup>532</sup> Ibid., p. 94, observa que foi Dom Helder Câmara quem se encarrega de difundir-la e de traduzi-la para o inglês, e graças à influência do religioso é que a expressão entrou na Europa e nos Estados Unidos.

<sup>533</sup> Cf. *ibid.*, p. 97-99.

<sup>534</sup> FREIRE, P. *Educação como Prática*, op. cit., p. 47.

<sup>535</sup> FREIRE, P.; BETTO, F. *Essa Escola chamada Vida*, op. cit., p. 15.

permite a deformação da consciência, mas que seja corajosa, que proponha à pessoa refletir acerca de si, sobre seu tempo, suas responsabilidades e seu papel sociocultural.

Paulo Freire distingue a consciência como:

*Intransitividade da consciência* - é uma coletividade fechada. Essa postura é grave porque “formata” o homem e a mulher dentro de uma estrutura centralizada em interesses “em torno de formas mais vegetativas de vida”.<sup>536</sup> Marca o passado brasileiro, e hoje, vê-se essas formas de expressão em áreas mais atrasadas do País. São homens e mulheres pertencentes a coletividades “delimitadas”. No âmbito antropológico o termo “intransitividade” não significa fechamento do homem em si mesmo, porque todo ser humano em si é um ser em abertura; mas a que se refere Paulo Freire aponta para a incapacidade do ser humano de apreender. Por meio de estruturas alienantes, a pessoa fica impermeabilizada diante dos problemas e desafios. É quase um “incompromisso” com a existência.<sup>537</sup>

Essa condição humana se transforma e a pessoa pode passar da intransitividade para a transitividade. Paulo Freire escreve,

na medida, porém, em que amplia o seu poder de captação e de resposta às sugestões e às questões que partem de seu contorno e aumenta o seu poder de dialogação, não só com o outro homem, mas com o seu mundo, se “transitiva”. Seus interesses e preocupações, agora, se alongam a esferas mais amplas do que à simples esfera vital.<sup>538</sup>

*Transitividade* – essa consciência “permeabiliza” o ser humano e o liga ao externo, o faz criar relações, compromete-o com a existência, “por isso mesmo que, existir, é um conceito dinâmico. Implica numa dialogação do homem eterna com o homem. Do homem com o mundo. Do homem com o seu Criador.”<sup>539</sup>

A consciência transitiva no início é considerada ingênua. Diferente da intransitividade é uma forma simplória de ver e julgar a realidade. Há fragilidade na argumentação, na interpretação dos problemas, emocionalidade com explicações “mágicas e imediatistas”. A veracidade dos problemas é reconhecida, mas a resolutividade é superficial. O processo educacional leva à pessoa à consciência transitiva crítica, através de uma educação dialógica e ativa,

<sup>536</sup> FREIRE, P. *Educação como Prática*, op. cit., p. 67.

<sup>537</sup> Cf. *ibid.*, p. 68. Complementar com GARCÍA RUBIO, A. *A Teologia da Libertação*, op. cit., p. 150-153.

<sup>538</sup> FREIRE, P. *Educação como Prática*, op. cit., p. 68.

<sup>539</sup> *Ibidem*.

comprometida com a responsabilidade social e política. Dessa forma é possível interpretar os problemas e desafios de forma mais aprofundada, substituindo-se as respostas mágicas pelas perguntas e princípios causais. Completa Paulo Freire,

despir-se ao máximo de preconceitos na análise dos problemas e, na sua apreensão, esforçar-se por evitar deformações. Por negar a transferência da responsabilidade. Pela recusa a posições quietistas. Por segurança na argumentação. Pela prática do diálogo e não da polêmica. Pela receptividade ao novo, não apenas porque novo e pela não-recusa ao velho, só porque velho, mas pela aceitação de ambos, enquanto válidos.<sup>540</sup>

Paulo Freire afirma que a inserção do educando num processo fecundo de aprendizagem dá-se por um método dialógico, unidual, ativo, participante, crítico e criticizador.<sup>541</sup> O diálogo comunica porque é nutrido pelo amor, pela esperança, pela humildade, pela fé, pela confiança; ele é caminho indispensável para a práxis educacional.<sup>542</sup> O diálogo é indispensável nas questões vitais para a ordem política da sociedade e toca todos os sentidos do ser humano. Em oposição, na formação histórico-cultural do sujeito social brasileiro, está o antidiálogo, que continua influenciando os comportamentos sociais; é antagônico às mudanças necessárias no contexto da conscientização. O antidialógico implica:

Numa relação vertical de A sobre B (...). É desamoroso. É acrítico e não gera criticidade, exatamente porque desamoroso. Não é humildade. É desesperançoso. Arrogante. Auto-suficiente. No antidiálogo quebra-se aquela relação de “simpatia” entre pólos, que caracteriza o diálogo. Por tudo isso, o antidiálogo não comunica. Faz comunicados.<sup>543</sup>

Dessa premissa, Paulo Freire propõe uma *Pedagogia de Comunicação*, que rompe com o desamor acrítico próprio do antidiálogo. Essa é uma das primeiras dimensões a ser incentivada para que se desencadeie o aprendizado, “dialogar com alguém sobre alguma coisa.”<sup>544</sup> A superação da compreensão mágica e ingênua acontece com o desenvolvimento de uma postura crítica diante da realidade. De objeto passivo a pessoa passa a ser sujeito, protagonista de sua

<sup>540</sup> Ibid., p. 70, o educador acrescenta que: “a passagem da consciência preponderantemente intransitiva para a predominantemente transitivo-ingênua vinha paralela à transformação dos padrões econômicos da sociedade brasileira. Era passagem que se fazia automática. Na medida realmente em que se vinha intensificando o processo de urbanização e o homem vinha sendo lançado em formas de vida mais complexas e entrando, assim, num circuito maior de relações e passando a receber maior número de sugestões e desafios de sua circunstância, começava a se verificar nele a transitividade de sua consciência.”

<sup>541</sup> Cf. *ibid.*, p. 115.

<sup>542</sup> Cf. *ibid.*, p. 116.

<sup>543</sup> *Ibidem.*

<sup>544</sup> *Ibidem.*

história. É um caminho sem volta. As mudanças interiores são profundas e decisivas enquanto fazedoras de cultura e inovadoras de história.

Para a reflexão teológica, aplicada diretamente à formação da pessoa em sua dimensão afetiva e sexual, a pedagogia da comunicação resulta do diálogo e das interrelações humanas e não deve ser negligenciada. A comunicação traz em si o dado da comunhão, re-constroi a pessoa na sua dignidade e inteireza. Essa é uma necessidade real para a formação afetivo-sexual da pessoa humana deficitária na práxis pastoral e na sociedade como um todo.

O diálogo é uma estratégia de respeito pelo saber e pela experiência dos educandos. O conhecimento e a aprendizagem não estão restritos ao espaço escolar ou pastoral, abrange a vida das pessoas com suas histórias. O educando/formando procura a escola ou a comunidade eclesial para dar rumos ao aprendizado. Ao chegar tem o que dizer, tem o que partilhar e não apenas o que escutar.

A teoria dialógica (revolucionário-libertadora) na Pedagogia do Oprimido, a ação dos sujeitos se entrecruzam; transformam o meio, a sociedade e o mundo e é desdobrada da seguinte forma:

*Co-laboração* – o sujeito não domina e nem é objeto dominado. Quando os sujeitos que se encontram para a “pronúncia” do mundo recriam a história.<sup>545</sup>

*União para a libertação* - dá-se na *práxis* em comunhão. O que divide passa a unir, se organiza, faz unidade e comunhão entre as massas e nas massas.

*Organização* - é associada ao testemunho e ao desdobramento da união das “massas”. As lideranças comprometem-se com o testemunho, com a coerência que devem oferecer às massas populares, empenham-se pela libertação que anunciam. Discurso e *práxis* se encontram e complementam.

*Síntese cultural* – é o inverso da invasão cultural, na qual a *práxis* do indivíduo é transformada em vista da libertação do ser humano.

O educador dialógico através das características acima faz uma opção radical pelo anúncio, pela libertação e pela relação de “simpatia”, e não mais faz-se servo da opressão, mas luta contra. Paulo Freire associa a educação à luta e à

---

<sup>545</sup> Cf. GADOTTI, M. *Convite à leitura*, op. cit., p. 196-218.

organização de classe por parte do oprimido, sem, contudo, idealizar o oprimido, pois entre estes pode estar também uma consciência opressora.<sup>546</sup>

### 6.3.2.

#### **Educação dialógica exige escuta recíproca e atitude de humildade-autoridade-liberdade**

Na *práxis* educativa a dialogicidade é uma matriz freireana importante que exige *escuta-reciprocidade* e atitude de *humildade-autoridade*.

Só existe educação dialógica quando há escuta/troca de quem dela participa. O diálogo é vinculado à prática democrática e supõe uma via de mão dupla interligada. O educador como alguém que tem algo a dizer é “obrigado” a motivar, instigar e desafiar o educando a responder para também escutá-lo.

A escuta, no sentido pedagógico empregado por Paulo Freire, significa a disponibilidade permanente por parte de quem escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro, no fundo para um autêntico processo de empatia e respeito mútuos. A escuta possibilita que cada um, educador e educando apresentem-se e revelem seus pontos de vistas, suas dúvidas, seus sentimentos em relação aos conteúdos em questão, suas visões de mundo, seus medos e suas virtudes.

A disponibilidade para o diálogo, uma das matrizes pedagógicas desenvolvidas por Paulo Freire, é uma exigência ética. Quando há abertura sincera para a escuta, há troca, há mudança, há parceria e transformações.<sup>547</sup>

Dessa forma, cada um conhece o outro numa relação que se estabelece no diálogo e na confiança, onde o educador abdica de possuir a verdade absoluta a respeito de algo e considera como material de construção do saber o que é trazido pelo educando. O diálogo feito de fala, de silêncio e de escuta propicia um espaço de apropriação do saber pelo educando, incentivado pelo educador. Refina sua curiosidade para que, ele mesmo, com a ajuda do educador, seja sujeito do conhecimento que deseja construir.

O conceito sobre diálogo em Paulo Freire se aproxima do anúncio da ética cristã e com ela se harmoniza. Como exemplo, a carta que o educador escreve para um estudante de teologia que deixa entrever o humanismo cristão: “condição

<sup>546</sup> Cf. *ibid.*, op. cit., p. 71-72.

<sup>547</sup> Cf. FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 135-140.

para saber escutar, e (...) colocar, em prática a palavra de Deus, é, em minha opinião, estar genuinamente disposto a se comprometer no processo da libertação do ser humano.<sup>548</sup>

Segundo a prática educacional freireana, o ato de escutar não elimina a discordância. Escutar é acolher a palavra diferente do outro que é digna de respeito. Lembra que a necessidade do educador de se posicionar com verdade é também uma exigência ética de sua prática educativa. Por isso é certo que o escutar não impede o discordar e nem de colocar-se em oposição. Paulo Freire aponta algumas virtudes necessárias para o educador cuja opção político-pedagógica prima pela ética, democrática ou “progressista”,

é preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica.<sup>549</sup>

A hierarquia imposta que determina a ordem das falas de cima para baixo não estabelece o diálogo, senão apenas a transmissão de uma fala recebida por outro. O diálogo só se estabelece entre *dois iguais* que se escutam mutuamente. Deve-se, acima de qualquer coisa, respeitar as diferenças para que a escuta não se inviabilize. Exemplifica-se: se a pessoa acredita que detém a verdade das coisas, como acolher, escutar aquele que se expressa de maneira diferente? Como escutar uma cultura diferente de que se está inserido? Paulo Freire lembra que a humildade rejeita o puro formalismo. A humildade exprime uma rara certeza de que ninguém é superior a ninguém, e sua falta transgride a vocação humana do *ser mais*.<sup>550</sup>

No processo de humildade está o exercício da autoridade, como oposta ao autoritarismo, que tolhe a liberdade e a criatividade do outro. O autoritarismo é elemento opositor da proposta conscientizadora e produtora de autonomia defendida por Paulo Freire. Saber atuar com autoridade é desafio enfrentado pelos educadores/formadores. A autoridade pode ser confundida com o

<sup>548</sup> SIMÕES JORGE, J. *Sem ódio nem violência*. A Perspectiva da Libertação Segundo Paulo Freire. São Paulo: Loyola, 1979, p. 13.

<sup>549</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p.120.

<sup>550</sup> Cf. *ibid.*, p. 121.

autoritarismo e, quando isso acontece, a indisciplina pode surgir como uma das reações indesejadas deformando o processo educacional.

Na autoridade instituída que se coloca com naturalidade, amabilidade, ternura e vigor medra a disciplina que surge como consequência do respeito mútuo entre autoridade e liberdade.<sup>551</sup> Segundo Paulo Freire, o autoritarismo e a licenciosidade “são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade”.<sup>552</sup> Essas duas dimensões caminham dentro de limites que não devem ser transgredidos, pois há o perigo de se perder a eficiência do processo de ensino-aprendizagem. Ambas, autoridade e liberdade, afirmam-se e se preservam porque é no respeito mútuo que se pode falar de práticas favoráveis ao ser mais.<sup>553</sup>

O diálogo não exige a presença concomitante e tensa dessas duas dimensões, - autoridade e liberdade. O confronto entre elas é necessário e amadurece a pessoa através de postura acolhedora que constrói alteridade, essencial para a prática pedagógica.

Importa reiterar que o conteúdo do aprendizado em nenhum momento é negado por Paulo Freire em sua práxis educacional, mas o autor valoriza os matizes diferenciados, que devem estar de acordo com a proposta pedagógica das escolas, da cultura, das vivências e dos saberes dos educandos.

Surgem outras questões que podem ser refletidas a partir da práxis educacional dialógica: onde se deve e se deseja chegar? Que saberes devem ser transmitidos? E de que contexto ou história provém o grupo que é formado? Essas perguntas norteadoras se aplicam à pastoral.

### **6.3.3. O ato de perguntar como categoria básica na Educação Freireana**

Paulo Freire entende o ato de perguntar como uma das categorias básicas do processo educacional e inerente ao próprio existir humano. Através da pergunta o ser humano desenvolve-se em sua curiosidade e criatividade. A educação é mais eficaz na medida em que o ato criador encontra espaço por meio da oportunidade de se fazer a pergunta.

<sup>551</sup> Cf. HARING, B. *A moral das Bem-aventuranças*. Lisboa: Paulistas, 1968, p. 169-173.

<sup>552</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 88.

<sup>553</sup> Cf. *ibid.*, p. 89.

No livro “Por uma Pedagogia da Pergunta” Paulo Freire em diálogo com o amigo e filósofo Antonio Faundez explicita o ato de perguntar.<sup>554</sup>

Ao perguntar a pessoa problematiza e reflete sobre sua condição *no* mundo e *com* o mundo. “É na problematização de homens e mulheres (...) que se encontra a 'raiz da educação'”.<sup>555</sup> Consciente do inacabamento, o educador deve colocar-se entre aqueles no qual é chamado a dialogar, isto é, entre seus educandos. O ato de perguntar é vinculado a condição de busca do saber, de busca do aprimoramento enquanto ser humano.

Para A. Faundez nenhum ser humano, e especialmente o professor, detém a verdade, porque a mesma está no devir do diálogo, conforme Hegel afirmou ao dizer que “a verdadeira realidade é o devir”.<sup>556</sup> Infelizmente essa afirmação é rejeitada por muitas instituições de ensino e por alguns estudantes que esperam que o professor apresente a verdade dos fatos pronta. É muito cômodo não pensar e receber o conteúdo pronto. E para uma parcela expressiva de estudantes, ainda hoje, o diálogo é recebido como um sinal de fraqueza ou incompetência do professor.

O educador respeita e escuta a pergunta de seu educando sem repreendê-lo ou inibi-lo num processo nada simples ou fácil de ser estabelecido por quem pergunta. O início do conhecimento está exatamente no ato de perguntar. P. Freire acrescenta:

Para um educador (...) não há perguntas bobas nem respostas definitivas. Um educador que não centra a curiosidade do educando, que se insere no movimento interno do ato de conhecer jamais desrespeita pergunta alguma. Porque, mesmo quando a pergunta, para ele, possa parecer ingênua, mal formulada, nem sempre o é para quem o fez. Em tal caso, o papel do educador, longe de ser o de ironizar o educando, é ajudá-lo a refazer a pergunta, com o que o educando aprende, fazendo, a melhor pergunta.<sup>557</sup>

O educador ressalta que a pergunta não fica apenas no nível da própria pergunta, mas sempre que possível deve ir além articulando a pergunta com a resposta e a *práxis* que é realizada ou que poderá vir a ser. Gradativamente o

<sup>554</sup> Cf. APOLUCENO DE OLIVEIRA, I. O ato de perguntar na Pedagogia Freireana. In: SAUL, A M. (Org.). *Paulo Freire e a formação de educadores: Múltiplos olhares*. São Paulo: Ed. Articulação Universidade/Escola, 2000, p. 37.

<sup>555</sup> *Ibid.*, p. 38.

<sup>556</sup> FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 43.

<sup>557</sup> *Ibid.*, p. 48.

educando descobre a dinamicidade entre a palavra e a ação, entre “palavra-ação-reflexão.”<sup>558</sup>

Segundo I. Apoluceno Oliveira, Paulo Freire apresenta duas questões relacionadas ao ato de perguntar: “que a ação educativa é uma ação de formação humana e (...) uma ação de relações entre pessoas humanas.”<sup>559</sup>

Porém há uma tradição educacional que acentua a pedagogia da resposta e com respostas prontas. Sobre isso A. Faundez, com tom crítico, afirma,

(...) a eficiência do educando está em que ele responda cada vez mais através das respostas dadas por aquele que é seu professor. Tudo isso resulta na morte do processo de conhecimento enquanto tal, na morte do processo político enquanto tal e na reprodução de uma sociedade de autoritarismo e elitismo, que constitui a negação da própria educação, do processo educativo.<sup>560</sup>

P. Freire e A. Faundez questionam a forma como a prática pedagógica, oficialmente ao longo da história, é assumida pelas instituições de ensino, como “Pedagogia da Resposta”, processo de transmissão do conhecimento que vem pronto e formatado pelos professores. É um processo mecanizado que força o educando a memorização do conteúdo ao invés de levá-lo à reflexão, ao diálogo e às suas necessárias deduções.<sup>561</sup>

A importância por uma “Pedagogia da Pergunta” resulta imprescindível diante das lacunas que o sistema educacional deixa. Os modelos tradicionais estão defasados e não correspondem às demandas da sociedade contemporânea.

A discussão entre P. Freire e A. Faundez reforça que a prática educacional problematizadora, questiona, dialoga, implica em “co-participação e co-responsabilidade, cabendo ao (a) educador (a) com os (as) educandos (as) buscarem, pesquisarem o conhecimento, para que a aula seja de fato um espaço democrático.”<sup>562</sup> Somente assim o processo da prática educacional é realizado com eficácia e objetividade para o desenvolvimento do educando.

---

<sup>558</sup> Ibid., p. 49.

<sup>559</sup> APOLUCENO DE OLIVEIRA, I. *O ato de perguntar na Pedagogia Freireana*, op. cit., p. 43.

<sup>560</sup> FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. *Por uma Pedagogia da Pergunta*, op. cit., p. 54.

<sup>561</sup> Cf. APOLUCENO DE OLIVEIRA, I. *O ato de perguntar na Pedagogia Freireana*, op. cit., p. 43.

<sup>562</sup> Ibid., p. 47.

## 6.4.

### A Pedagogia da Autonomia: uma proposta inovadora e indispensável para o ensino-aprendizagem

#### 6.4.1.

#### A compreensão de “Críticidade”, “Curiosidade” e o “Pensar certo” em Paulo Freire

A educação requer um posicionamento crítico do educador, seja ele da “prática educativo-progressiva”<sup>563</sup> ou da “prática conservadora”. A consciência do docente em sua *práxis* educacional o motiva formar a cidadania. O saber ultrapassa o conhecimento oferecido, é ato político que investe na formação de cidadãos. Paulo Freire, em seu trajeto como educador, afirma que a pedagogia da autonomia se constrói, com a perspectiva de um “saber-ser-pedagógico”<sup>564</sup>, que reflete sobre a coerência entre a ampliação e a diversificação das fontes legítimas de saberes com o “saber-fazer”. Entre seus objetivos está o de provocar o debate entre professores e educandos sobre questões do dia a dia nas salas de aula.

Segundo o pensamento freireano, somente um professor/educador que assume sua posição diante da prática docente como auxiliar para o bom desenvolvimento da dimensão social da vida humana, é considerado um cumpridor de sua tarefa formadora. É uma educação que tem como escopo a formação de homens e mulheres conscientes dos problemas de seu tempo, que diante de uma visão crítica da realidade podem construir novas respostas às perguntas, sem perderem os valores inegociáveis. Esta metodologia perpassa a *práxis* pastoral; pois a fé e a vida estão conjugadas na caminhada das comunidades.

A *críticidade*, indispensável no processo ensino-aprendizagem, consiste numa matriz teórica freireana de grande importância. O processo educacional em construção exige avaliações e revisões periódicas pertinentes às metas a serem alcançadas. Paulo Freire reconhece que na formação dos educadores é muito importante a *crítica sobre a prática*. A ingenuidade é superada pela rigorosidade na análise constante da prática e pela *críticidade*. O processo educativo é revisto periodicamente para que a promoção, a mudança, os novos métodos e meios, colaborem efetivamente, na transição de uma curiosidade ingênua para uma curiosidade epistemológica. Assumir que é preciso mudar não é suficiente para

---

<sup>563</sup> Cf. FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 13.21.22-67.

<sup>564</sup> *Ibid.*, p. 11.

que haja a mudança, mas é na prática de não insistir no erro, de não pensar errado, que a clareza do estar pensando errado se concretiza e se processam as mudanças necessárias. Essa condição não está restrita ao espaço sala de aula, mas encontra aplicabilidade em nossa prática eclesial/pastoral.

A educação crítica de Paulo Freire tem expressivo valor para os cristãos comprometidos com a evangelização e com a catequese, pois deve apresentar caminhos novos para educar crianças, jovens e adultos numa perspectiva construtivista onde o evangelizador/catequista é um companheiro de jornada rumo a um saber libertador. O educador afirma que,

(...) uma educação crítica, radical, não pode jamais prescindir da percepção lúcida da mudança que inclusive revela a presença interveniente do ser humano no mundo. Faz parte também desta percepção lúcida da mudança a natureza política e ideológica de nossa posição em face dela independentemente de se estamos conscientes disto ou não. Da mudança em processo, no campo dos costumes, no do gosto estético de modo geral, das artes plásticas, da música, popular ou não, no campo da moral, sobretudo no da sexualidade, no da linguagem, como da mudança historicamente necessária nas estruturas de poder da sociedade, mas a que dizem não, ainda, as forças retrógradas.<sup>565</sup>

No corte epistemológico da sexualidade humana, a criticidade é prática interrelativa. O educando, em contínuo movimento, aprofunda o seu conhecimento e reforça seus valores ético-existenciais. Pode escolher humanizar-se em seus afetos e em sua sexualidade, porque fez a crítica, perguntou, elaborou respostas aproximativas à sua vocação. Educação, no pensamento freireano, é mais do que treinar o educando no desempenho de suas habilidades. Essa metodologia descarta a idéia de educação como transferência ou doação do educador para o educando. Afirma a eficácia do processo de contato do homem e da mulher com o mundo vivenciado, que é dinâmico e em contínua transformação. É estabelecida, desse modo, a relação dialógica que coloca educador e educando como cúmplices de um mesmo caminho de aprendizado. O educador já não é aquele que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado, também educa. “Não há docência sem discência (...) quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina a aprender”.<sup>566</sup> Na autenticidade pertinente à prática de ensinar-aprender há a participação na experiência total, “diretiva, política, ideológica, gnosiológica,

<sup>565</sup> Idem. *Pedagogia da Indignação*, op. cit., p. 32.128.

<sup>566</sup> Idem. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 23.

pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e a seriedade.”<sup>567</sup>

As situações de dominação são transformadas a partir de uma educação problematizadora, Requer esforço contínuo e em conjunto. As pessoas, de maneira crítica, se vêem “*sendo*” no mundo e vêem o mundo; surge um novo olhar. A educação problematizadora criticiza e se dispõe à libertação da pessoa e com criatividade as estimula para a reflexão e a *práxis*.

Paulo Freire insiste que *o ato de criticar* é parte da prática educativa. Só critica quem se deixou despertar pela curiosidade. É inquietação indagadora que incentiva o educando ao desvelamento de algo a mais. A curiosidade se criticiza. A função do educador é incentivar o educando a superação da ingenuidade levando-o à criticidade. Paulo Freire amplia sua reflexão e afirma que,

a curiosidade é condição para a criatividade, ela é a "indagação inquietadora" que nos move no sentido de desvelar o mundo que não fizemos e acrescentar a ele algo que nós fazemos. A prática educativa progressista que visa educar para a autonomia deve promover a superação para a curiosidade epistemológica, não há como ser autônomo sem criticidade, mantendo uma visão ingênua do mundo.<sup>568</sup>

A curiosidade é a “pedra fundamental do saber uma vez que faz conhecer, atuar, re-conhecer,”<sup>569</sup> leva o educando a apropriar-se do processo de aprendizagem.

Ao criticar, movido pela curiosidade a pessoa aprende a “pensar certo”. Na metodologia freireana, o papel do educador é de *ensinar a pensar certo*. Uma educação baseada apenas na memorização, com leitura exaustiva possibilita que os educandos repitam conteúdos, sem ousarem, sem pensarem por si mesmos, mas ficam atrelados pelo medo de arriscarem-se a “trair” o texto lido e decorado. O “pessoal” não é construído pelo educando que lê. Surge dessa “metodologia” um pensar mecanicista. Pensa errado.<sup>570</sup>

<sup>567</sup> Ibid., p. 24. APOLUCENO DE OLIVEIRA, I. *Educação de Paulo Freire*, op. cit., p. 1, descreve os aportes filosóficos no pensamento educacional, a antropológica, a gnosiológica (ao inferir a educação como processo de conhecimento), a ética, a estética e a política - “ao pressupor novos valores gestados em práticas educacionais solidárias, coletivas, críticas, afetivas e dialógicas, visando à humanização e a transformação social.”

<sup>568</sup> ZATTI, V. *Autonomia em Educação em Immanuel Kant & Paulo Freire*. Ed. PUCRs, Porto Alegre: 2007. Cap. IV, 4.4, <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/autonomia/autonomia/index.html>, 02/09/09.

<sup>569</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit. p. 86.

<sup>570</sup> Ibid., p. 27.

*Pensar certo* é se comprometer de imediato com o que se lê, tornando-se sujeito e apoderando-se da produção intelectual que emerge da própria leitura. Só quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, pode ensinar a pensar certo. E uma das condições de pensar certo é não estar demasiadamente certo das certezas.<sup>571</sup> Esse pensamento é desafiador para a proposta de uma educação para o amor e para a sexualidade. Paulo Freire nota que a prática docente para uma educação libertadora exige de quem educa, uma constante atitude de busca coerente e auto-crítica. Escreve o autor que,

enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.<sup>572</sup>

No *pensar certo* o educador respeita os saberes que os educandos trazem em sua história sociocultural. O educador entende como inacabado esse legado. Tem a missão de questionar conduzindo o educando ao movimento de repensar e, confirmando ou não, a razão de ser desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos em pauta. Por exemplo: aproveitar a experiência dos educandos que vivem em áreas frequentemente aviltados por tiroteios ou estejam próximas de realidades de violência doméstica e/ou sexual para discutir a questão da dignidade humana, dos direitos e deveres dos cidadãos. Dessa forma, o educador faz uma “ponte” íntima entre a realidade concreta e o conteúdo da disciplina que deseja ensinar. Interessa essa peculiaridade da educação freireana para a educação da sexualidade. Na pastoral é imprescindível estabelecer esta articulação à luz da mensagem bíblico-teológica que é transmitida em conjunto com a experiência sociocultural dos educandos.

O trabalho educativo não é neutro. Ou se educa para libertar o oprimido ou este permanece atado ao seu dominador. Assim a educação libertadora, é corajosa, leva as pessoas a enfrentarem os desafios e as discussões do cotidiano, conecta-as com os problemas do tempo presente. As pessoas se enamoram e se maravilham com a vida, sentam-se vivas e colocam-se em abertura às novidades da própria existência.<sup>573</sup> Acrescenta Paulo Freire,

---

<sup>571</sup> Ibid., p. 27-28.

<sup>572</sup> Ibid., p. 29.

<sup>573</sup> Cf. FREIRE, P. *Educação como prática*, op. cit., p. 101.

entre nós, repita-se, a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem no brasileiro, antigos e culturoológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência (...).<sup>574</sup>

O desenvolvimento de uma prática educativa “problematizadora” humaniza e liberta, incide em uma pedagogia que conduz a pessoa num percurso para a autonomia. Essa metodologia corresponde sensivelmente à Pedagogia de Jesus.

#### 6.4.2.

#### A *Práxis* em Paulo Freire e a relação teoria-prática

A criticidade produz o “pensar certo”. De um mecanismo vicioso de “pensar errado” segue em direção ao ato de “assumir” o que realiza. Este exame crítico tem foro emocional, isto é, além da pessoa ter consciência do que faz mal e do que deve ser superado, encontra-se com a “raiva”, com a indignação que resulta desse assumir que se está pensando errado. Acelera com essa “raiva” a luta, o desejo de vencer os erros, vencer os equívocos, nesse caso, a curiosidade ingênua. Paulo Freire apresenta uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica, isto é,

propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.<sup>575</sup>

Lembra o educador que o fato de se assumir não significa a exclusão de outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do “tu” que faz a pessoa assumir a radicalidade do próprio “eu”.<sup>576</sup>

A experiência social e histórica marca o ser humano que se assume como sujeito agente e paciente da realidade. Assume a sua própria identidade. Esse ato necessita da articulação entre a *teoria* e a *prática*. “A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado.”<sup>577</sup>

---

<sup>574</sup> Ibidem.

<sup>575</sup> Ibid., p. 41

<sup>576</sup> Cf. ibidem.

<sup>577</sup> Ibid., p. 42.

O espaço escolar é uma preocupação na educação freireana, pois deve ser um lugar de coerência e lucidez sobre o que se fala e realiza. A criação de condições favoráveis ao relacionamento respeitoso e cordial entre educador e educando é essencial e tem uma profunda significação para ambas as partes ou mesmo só para o educando. “Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor.”<sup>578</sup> Por exemplo, uma atitude ou uma palavra do educador pode chegar a ter mais valor para o educando do que uma nota que lhe seja atribuída. Ajuda a reforçar sua auto-estima ou inibe a sua capacidade de expressar-se em público ou empreender projetos. Ajudar a consolidar autoconfiança ou pode lhe causar danos psicológicos e/ou morais irreversíveis. É preciso valorizar os gestos construtivos na prática educativa, enquanto formadores evitando ao máximo possível os mecanismos deformadores.

Discursa-se sobre a importância do ensino dos conteúdos e quase sempre é apresentado como transferência do saber. Segundo Paulo Freire isso reflete o desconhecimento sobre o que se aprende. Tudo o que envolve a construção do saber educa, o conteúdo elaborado, o material didático-pedagógico escolhido, o ambiente escolar, como patrimônio público etc., tudo tem valor e importância no processo ensino-aprendizagem, na articulação teoria-prática. “Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço.”<sup>579</sup> Esse dado é associado ao ato de cuidar. Educação é cuidado, é processo contínuo de cumplicidade, zelo e respeito.

Essa reflexão sobre a educação freireana exige a formação permanente do docente, numa perspectiva “progressista”; a conscientização e a “assunção” de que *ensinar não é transferir conhecimento* e sim produzi-lo.

Paulo Freire, deixando transparecer o seu lado professor, testemunha sua percepção e sensibilidade,

quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não transferir conhecimento.<sup>580</sup>

Essa dimensão do educar, complexa e desafiante, corresponde às indagações, às novidades e precisa ser bem compreendida e vivenciada pelos

---

<sup>578</sup> Ibidem.

<sup>579</sup> Ibid., p. 45.

<sup>580</sup> Ibid., p. 47.

educadores e pelos educandos. Talvez seja por isso que Paulo Freire insista na necessidade da *teoria* e da *práxis*. Segundo ele, não se pode esgotar a prática docente no discurso teórico, pois o conhecimento considera a amplitude do que comporta o ser por inteiro. O educador não deve ficar discursando com palavras bonitas da teoria dispensando seu exemplo concreto, sua *práxis*, sua encarnação, enfim, deve postar-se como alguém que faz o processo “*junto com*”.

A educação ajuda a pessoa a ser melhor do que é e mais feliz, proporciona-lhe oportunidade de assumir a “parte prosaica e viver a parte poética”<sup>581</sup> da vida.

Escreve Paulo Freire que: não articular o testemunho com a *práxis*, é tornar-se “tão fingido quanto quem diz combater o racismo, mas perguntado se conhece Madalena diz: Conheço-a. É negra, *mas* é competente e decente.”<sup>582</sup> A conjunção adversativa *mas* explicita o que está no espírito do educador que tenta apenas superficialmente parecer que não é preconceituoso. Na verdade, a conjunção, nesse caso, implica um juízo falso, ideológico: sendo negra, espera-se que não seja competente nem decente.

O educar, que transcende uma transferência de conhecimento, “exige uma postura ética difícil, às vezes penosa, que temos que assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos.”<sup>583</sup> Pensar certo, articular teoria-prática, dar testemunho do que se ensina, exige uma postura de compromisso com a arte de educar, uma vigilância constante sobre si mesmo, evitar simplismos, evitar as incoerências. O educador através de sua *práxis* tem função de formar homens e mulheres libertados para viver com mais autonomia, a própria vida.

O educador tem a obrigação ética de articular a teoria com a prática, apresentando um testemunho que é caminho para o aprendizado, por isso, *Práxis* é igual a ação – reflexão.

Teoria e *práxis*, testemunho e coerência resultam do processo de conscientização/libertação. A pedagogia da autonomia, na educação freireana, redefine o papel do educador como aquele que não apenas ensina os conteúdos, mas principalmente *ensina a pensar certo*.

<sup>581</sup> MORIN, E. *A cabeça bem-feita*, op. cit., p. 11.

<sup>582</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 48.

<sup>583</sup> *Ibid.*, p. 49.

## 6.5.

### **A reflexão de Paulo Freire sobre a *Amorosidade*, a *Corporeidade* e a *Sexualidade*: ensinar exige generosidade**

Paulo Freire não desenvolve diretamente as temáticas da corporeidade e da sexualidade em uma única obra. No seu acervo perpassa a sua compreensão sobre esses temas com uma especial sensibilidade, bem articulados entre si e na centralidade de suas ideias pedagógicas.

O *amor* é mais evidente quando trata da dor humana, da opressão e da libertação. O educador Paulo Freire defende a tese que as mudanças acontecem a partir do amor e da sua *práxis*.

O tema da *amorosidade*, matriz teórica utilizada por Paulo Freire, associa-se a outra qualidade ou matriz pedagógica que deve ser buscada pelo educador em todos os setores de educação: a *disponibilidade à vida*. Paulo Freire trabalha o sentido da amorosidade/amor de forma concreta, como uma potencialidade e uma capacidade humana que se volta para uma condição de finalidade existencial “ético-cultural no mundo e com o mundo. Uma amorosidade partilhada que proporcione dignidade coletiva e *utópicas esperanças* em que a vida é referência para viver com justiça neste mundo.”<sup>584</sup>

A matriz da *amorosidade* coloca-se em escuta sensível para com o outro, abre-se ao toque, aos afetos, à interpelação, à dinâmica do ato de perguntar e de responder, constrói e reconstrói, concorda e discorda, pensa e repensa, escuta e fala. “Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam aos sinais mais diversos que nos apelam.”<sup>585</sup> Essa *disponibilidade à vida* é alicerce indispensável para a vida cristã e supõe a experiência do amor, por isso esta se relaciona ao diálogo e à *práxis* cristã.

Paulo Freire revela em sua *práxis* a influência recebida do cristianismo, através de um profundo sentido de respeito ao outro e pela importância da dimensão moral nas relações humanas. A solidariedade, a amorosidade e a esperança traçadas em suas obras confirmam sua sensibilidade em relação ao outro e a tudo o que está implicado à vida de outros. Sua convicção, profundamente cristã, o leva a empenhar-se pela denúncia e pelo anúncio

<sup>584</sup> FERNANDES, C. Verbete Amorosidade in: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. *Dicionário Paulo Freire*, op. cit., p. 37.

<sup>585</sup> Cf. SIMÕES JORGE, J. *Sem ódio nem violência*, op.cit., p. 134.

contínuos em sua vida. “Assim, o amor e a fé, traduzidos pela esperança, conceitos básicos do cristianismo, estão presentes, também em Freire.”<sup>586</sup>

Prefaciando o livro *Pedagogia da Indignação*, Andreola dirige-se ao amigo Paulo Freire, faz referência ao trágico fato ocorrido contra Galdino, o índio pataxó, em Brasília, morto por uma atitude bárbara de desamor e desumanidade, por cinco adolescentes inconsequentes e “mal educados” literalmente, que “brincavam de matar”; e completa com seu oposto ao afirmar que:

No que tange às emoções, reafirmas a amorosidade e a afetividade, como fatores básicos da vida humana e da educação. Com relação à política, o problema do poder adquire novas configurações. Contra as tentações de abdicar da luta, de renunciar à utopia, de negar a esperança, denunciaste com o mesmo vigor com que denunciaste em *Pedagogia da Autonomia*, todas as formas de compreensão mecanicista e determinista da história (...) <sup>587</sup>

Assim não há possibilidade de se propor uma educação verdadeira se não houver o amor; a práxis do amor é essencial à pessoa. O amor é uma condição ontológica do ser humano. Os educadores incapazes de amar os seres inacabados não podem assumir a tarefa de educá-los, pois quem não se esforça por compreender o outro, por respeitar e acolher o outro, primeiro precisa esforçar-se em sair do egoísmo e fazer o aprendizado do amor.<sup>588</sup> E acrescenta,

o amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro, como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro. (...) Quem ama o faz amando os defeitos e as qualidades do ser amado. Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais. (...) Não há educação imposta, como não há amor imposto. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama.<sup>589</sup>

Nessa perspectiva da amorosidade, o contrário do desamor é referido nas situações de injustiça, quando o fatalismo é nutrido pelos opressores. A questão do fatalismo é também colocada em relação à compreensão de Deus, ou seja, “é natural ao fatalismo a compreensão de um Deus que pune a rebeldia contra as injustiças e abençoa a aceitação resignada do desamor.”<sup>590</sup> Essa associação é cruel e deformante no que tange aos aspectos da fé e da religiosidade, pois acrescenta Paulo Freire,

<sup>586</sup> APOLUCENO DE OLIVEIRA, I. *Leituras Freireanas*, op. cit., p. 35.

<sup>587</sup> ANDREOLA, B. A. In: FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação*, op. cit., p. 22-23.

<sup>588</sup> Cf. FREIRE, P. *Educação e Mudança*, op. cit., p. 29.

<sup>589</sup> *Ibidem*.

<sup>590</sup> *Idem*. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'Água, 2001, p. 83.

a situação que gera tal inteligência do mundo e de Deus não oferece aos que nela se acham imersos outra saída senão o aconchego na própria dor. Desacomodar-se, ensaiar qualquer dúvida em torno da ilegitimidade da situação significaria pecar contra a vontade de Deus. Respaldados na anestesia histórica das populações sofridas e pacientes, os dominadores usam Deus para seus fins.<sup>591</sup>

Paulo Freire é categórico ao denunciar os que se utilizam do Nome de Deus, da fé e da religiosidade para oprimir, quando deveriam dar sinais e caminho para a libertação de todo tipo de opressão e injustiça. Acrescenta:

quando defendo a unidade na diversidade penso na unidade entre os que vivem a fé libertadora e os que não a têm, não importa por quê. Não vejo como os que assim vivem sua fé possam renegar os que não a vivem, e vice-versa. Se nossa utopia é a permanente mudança do mundo e a superação das injustiças, não posso recusar a contribuição de progressistas que não tenham fé, nem posso ser recusado porque a tenho. O que não se pode aceitar nos que proclamam sua fé é que a usem a serviço da alienação das classes populares.<sup>592</sup>

Seu espírito se mostra profundamente otimista, recusa qualquer atitude do tipo fatalista, forma de “atar as mãos”, o pensamento e a esperança dos oprimidos e empobrecidos. Aliciar com idéias fatalistas é mais uma forma de jogar o outro na alienação. Escreve que o discurso, “em favor do sonho, da utopia, da liberdade, da democracia é o discurso de quem recusa a acomodação e deixa morrer em si o gosto de ser gente, que o fatalismo deteriora.”<sup>593</sup>

Essa convicção acerca do amor e da forma esperançosa de ver o mundo e a vida, sua concepção de ser humano, é bastante animadora e realista, pois vê o ser humano como ser de busca, que não sabe de tudo, mas está em processo de maturação e de acabamento. A pessoa deve empenhar-se por aprender mais, por aperfeiçoar-se e colocar-se em aprendizado para amar. Para aproximar-se *do ser melhor* necessita sempre do outro, do mundo, das relações, pois como “sujeito” do conhecimento é sujeito da história e da cultura. Toda pessoa é, portanto, “um *sujeito* que existe *no* mundo e *com* o mundo, como 'corpo consciente', cuja consciência é intencionada para fora de si, para o mundo que não é mero objeto de contemplação, mas tem a marca de sua ação.”<sup>594</sup>

Pertence à matriz da amorosidade a práxis do educador no espaço pedagógico e acontece na alegria e na motivação. Para P. Freire “há uma relação

<sup>591</sup> Ibidem.

<sup>592</sup> Ibid., p. 84.

<sup>593</sup> Idem. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001, p. 86.

<sup>594</sup> APOLUCENO DE OLIVEIRA, I. *Leituras Freireanas*, op. cit., p. 23.

estreita entre a alegria necessária à prática pedagógica e a esperança.”<sup>595</sup> A esperança e a alegria fazem parte da natureza humana. A pessoa, consciente de seu inacabamento, deve agir com esperança, caso não o faça, entra em contradição. ”A desesperança é a negação da esperança; é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto desse ímpeto.”<sup>596</sup> M. Gadotti complementa Paulo Freire, faz uma crítica às escolas que deixaram de exercer a educação como algo lúdico e permaneceram na racionalização extrema do ato de ensinar,

só aprendemos quando colocamos emoção no que aprendemos. Por isso é necessário ensinar com alegria. Nossas escolas continuam preocupadas em ensinar e não param para pensar o que é ensinar, como se aprende, porque se aprende. “Dar aulas” tem-se constituído na única preocupação da escola. Tudo se resume na “aula”.<sup>597</sup>

Paulo Freire a partir desses pressupostos sobre o amor e o ser humano, expande sua reflexão sobre a corporeidade consciente como uma totalidade de razão, sentimentos, emoções, desejos e assim sua compreensão não pode ser reduzida a uma experiência racionalista. O corpo capta o mundo e afirma sua importância como algo indiscutível, pois,

o corpo move-se, age, memoriza a luta da sua libertação, o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha e refaz o mundo. Nenhum de nós, nem tu, estamos aqui dizendo que a transformação se faz através de um corpo individual. Não, porque o corpo também se constrói socialmente. Mas acontece que ele tem uma importância enorme. E a sua importância tem a ver com um certo sensualismo (...).<sup>598</sup>

Suas observações sobre a corporeidade implicam numa nova postura educacional. Esse dado é muito importante para o tema da sexualidade humana. P. Freire em consonância com a ética cristã, afirma,

o corpo humano, velho ou moço, gordo ou magro, não importa de que cor, o corpo consciente, que olha as estrelas, é o corpo que escreve, é o corpo que fala, é o corpo que luta, é o corpo que ama, que odeia, é o corpo que sofre, é o corpo que morre, é o corpo que vive!<sup>599</sup>

É importante repensar o corpo na educação; corpo que vai se constituindo socialmente, assim como o conhecimento; corpo em desenvolvimento; corpo

<sup>595</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 72.

<sup>596</sup> Ibidem.

<sup>597</sup> GADOTTI, M. *Boniteza de um sonho*. Ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003, p. 49.

<sup>598</sup> FREIRE, P. *A educação na cidade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995, p. 92.

<sup>599</sup> FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*, op. cit. p. 28.

ferido; corpo humilhado pelas violências; corpo acovardado; corpo marcado pelas deficiências; corpo tornado objeto de desejo/mercadoria sexual; corpo prostituído; corpo faminto destinado à invisibilidade; corpo de homem; corpo de mulher etc.

Pela corporeidade o ser humano é remetido aos conhecimentos que se estabelecem e se organizam no interior de suas ações, isto é, das práticas concretas da vida, de suas experiências. Sobre isso Paulo Freire dá o exemplo das mãos humanas que expressam a própria cultura. Afirma que a mão,

é fazedora, ela é sensibilidade, ela é visibilidade; a mão faz proposta, a mão idealiza, a mão pensa e age. E faço ênfase nesses movimentos pelos quais o corpo humano vira corpo consciente. O corpo se transforma em corpo percebido. E ele escreve, ele anota que, em sua transformação, a vida social está mudando também. O corpo age e, durante suas atitudes, ele desaninha de si e de suas relações o conhecimento sobre a vida. (...) O corpo expressa suas descobertas, esse corpo se agrupa em um grupo e se expõe em movimentos sociais; nesse movimento há expressões de corpos e nossa contribuição intelectual pode se dar no terreno da organização do conhecimento.<sup>600</sup>

Esse corpo, lugar da expressão do amor, onde as expressões, os afetos e sensações chegam e partem, é lugar dos sentimentos, da vivência da sexualidade, da comunicabilidade, do simbólico, dos desejos, da fortaleza. É lugar das fragilidades, das inconstâncias e das ambigüidades; é lugar das dores e desalentos; é lugar das bravuras e resiliência. Esse corpo precisa ser cuidado, ser acolhido, ser respeitado e ser libertado. Completa,

a questão da sociabilidade, da imaginação, dos sentimentos, dos desejos, do medo, da coragem, do amor, do ódio, da raiva, da sexualidade, da cognoscitividade nos leva à necessidade de fazer uma “leitura” do corpo como se fosse um texto, nas inter-relações que compõem o seu todo.<sup>601</sup>

No exílio do Chile, Paulo Freire, de maneira esperançosa, apesar de não faltarem motivos para expressões de indignação, narra sua rica experiência humana, repleta de conteúdos que o leva a refletir:

Cheguei ao Chile de corpo inteiro. Paixão, saudade, sonhos rasgados, mas não desfeitos, ofensas, saberes acumulados, nas tramas inúmeras vividas, disponibilidade à vida, temores, receios, dúvidas, vontade de viver e de amar. Esperança, sobretudo.<sup>602</sup>

<sup>600</sup> FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. *Que fazer*. Teoria e Prática em Educação Popular. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 34-35.

<sup>601</sup> FREIRE, P. *Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 2. ed. São Paulo: Olho D'Água, 1993, p. 72.

<sup>602</sup> Idem. *Pedagogia da Esperança*, op. cit., p. 35.

O corpo é sede da imaginação e os desafios se arvoram sobre o controle dos pensamentos que podem abrigar imagens construtivas ou resultarem em insanidades. Sua experiência de exílio demonstra seu esforço em treinar a imaginação como aliada de si mesmo. Somada às imaginações muitas vezes perversas ou sem esperanças, podem vir as doenças, entre elas as crises de ansiedade e as depressões. Paulo Freire em diálogo com Frei Betto, sensível e convicto, testemunha que também buscou na oração um caminho de saúde e libertação das ciladas de seu imaginário, trancafiado entre quatro mínimas paredes: - “eu experimentei um pouco isso (...). De repente, estreita-se o mundo de tal maneira que a tendência é atravessar as suas fronteiras através da imaginação. E viver, então, um mundo que não se pode viver ali.”<sup>603</sup>

Frei Betto, no mesmo diálogo, contribui para a reflexão teológica, especialmente o tema da moralidade e acrescenta,

eu gostaria de voltar a essa questão da imaginação, do corpo, falando do mês que fiquei na solitária, em um quartel. Sem livro, sem rádio, sem ninguém, só podendo ir ao banheiro uma vez ao dia. A grande preocupação minha era como reter a imaginação. Porque da imaginação – diz a Teologia – vem o pecado.<sup>604</sup>

A riqueza dessa partilha entre os autores muito ensina, especialmente sobre a capacidade de se transcender às circunstâncias que aprisionam, condicionam cerceando a liberdade e a capacidade de amar, impedindo a pessoa de se tornar mais íntegra e melhor. Tornar-se mais humana.

Paulo Freire permanece preso em isolamento absoluto por 75 dias e sobrevive sem sucumbir pelos “guetos” da loucura. Ao ser perguntado, numa entrevista sobre esse fato, responde:

É profundamente absurdo. Um desafio à mente, aprender a usar a imaginação, para ver, confirmar uma vez mais, que não é através das idéias, da imaginação, que libertas, mas é através da superação das coisas concretas. Eu podia voar com a minha imaginação, mas o corpo ficava.<sup>605</sup>

Ao narrar o amor, a corporeidade, esse olhar precioso e objetivo de Paulo Freire remete à amorosidade humana e aponta para outra matriz pedagógica de que *o ensinar exige firmeza e generosidade*.

Essas matrizes são necessárias e pertinentes para a *práxis* de todo educador.

<sup>603</sup> FREIRE, P.; BETTO, F. *Essa Escola Chamada Vida*, op. cit., p. 50.

<sup>604</sup> Ibid., p. 51.

<sup>605</sup> Ibid., p. 52.

A generosidade implica numa característica que distingue os seres humanos dos demais animais que é a necessidade do supérfluo, do que ultrapassa os limites das necessidades básicas essenciais à sobrevivência e o faz ir além num impulso bastante concreto de criatividade. O que o coloca no campo do simbólico, da atribuição de sentido é o que torna verdadeiramente humano. O estado de admiração diante do desabrochar de uma flor, a necessidade de deixar uma marca que dure além do efêmero tempo da existência, o desconforto diante de um ato covarde, a valorização da ordem individual, o espanto diante do “novo”, a constatação da beleza plasmada na criação, a reflexão sobre o que é diferente, a reação ao que interpela, todos esses elementos são constituídos de dimensões físicas, cognitivas, emocionais, sociais, éticas e estéticas.

Mas ensinar é algo que particulariza o ser humano dentre as outras criaturas. O ser humano vive além de seus instintos, não se inscreve num círculo predeterminado que lhe permite apenas seguir aquilo que lhe está reservado como o fazem os outros animais. O ser humano é social num sentido próprio. O ser humano cresce para a “sociedade por meio da tradição. Esta não lhe é congênita e nada tem a ver com instintos - o ser humano aprende (...) porque possui uma linguagem altamente complexa”.<sup>606</sup> As pessoas desejam ir além das próprias possibilidades. São seres de desejo e é preciso que desejem para se manterem vivos e saudáveis. Aprender é condição para crescer e ensinar significa que o ser humano percebe essa condição e participa de sua permanência no mundo.

Ensinar-aprender é um ciclo interminável que se descortina obrigatoriamente no processo evolutivo da pessoa humana. O humano é ser transcendente a transcender. Constrói a tradição que o possibilita nascer sem que tenha que recomeçar recriando a roda, os números e outros desbravamentos. Ensinar possibilita ao ser humano criar condições de permanência no mundo, criar a técnica, a ciência. Ensinar faz o progresso e torna a pessoa mais segura de que é capaz de ensinar.

Paulo Freire insiste que uma das características mais importantes da autoridade docente democrática é a segurança em si mesma, assumida como coisa própria, como autoridade que se exerce na firmeza, na gentileza e na generosidade. A firmeza de quem se propõe ensinar é exigida na atuação mesmo

---

<sup>606</sup> BOCHENSKI J. M. *Diretrizes do pensamento filosófico*. São Paulo: E.P.U., 1977, p. 17. Ver também sobre a linguagem humana in: GADOTTI, M. *Comunicação Docente*, op. cit., p. 44-54.

de seu exercício pedagógico, pois essa firmeza é produtora da segurança necessária para quem atua, decide e discute seus posicionamentos e ações; e de quem está aberto à revisão de sua conduta. O educador deve estar ciente que precisa estar preparado intelectualmente para intervir de forma satisfatória no espaço educacional. O professor que não estuda, que não se atualiza, que não pesquisa para estar à altura de sua tarefa educativa, não pode sequer liderar seu grupo de alunos e se torna indigno diante deles frustrando-os por não conseguir ser um modelo ou referência.

Somente uma formação intelectual que, sem dúvida, gera firmeza quanto ao conteúdo a ser ensinado, não faz um bom educador. A autoridade docente deve contar com *generosidade*, conforme acima apresentada e com a *firmeza*. A ausência de generosidade dá lugar à mesquinhez que, por sua vez, faz surgir a arrogância e a prepotência que negam a humildade e o respeito à alteridade.

Ao tentar escapar da necessidade de estar no comando, exercendo sua autoridade com firmeza e generosidade, o educador fere os princípios educacionais do mesmo modo como de quando é autoritário. Eximir-se do exercício de sua liderança impede a criatividade dos educandos que, sem orientação, acabam por não revelar sua curiosidade.

Dessa forma o pensamento de Paulo Freire sobre a amorosidade, a corporeidade e a sexualidade colaboram como mediação pedagógica para um encontro fecundo com a proposta da ética sexual cristã aplicada à realidade pastoral.

## Conclusão

Este capítulo privilegia a apresentação das matrizes teóricas e pedagógicas da educação libertadora/humanizadora de Paulo Freire com ênfase em alguns elementos essenciais para o objetivo da pesquisa.

Constata-se como o educador concebe a prática educacional no seu conjunto afirmando que esta não é simplesmente um processo de ensino-aprendizagem, mas faz parte do desenvolvimento livre e consciente que forja a personalidade da pessoa. É uma tarefa humana por excelência.

A educação não deve ser reduzida à esfera da instrução/informação, pois educar é capacitar o ser humano para que, através de um discernimento consciente, possa livremente fazer suas escolhas moralmente retas e chegar ao seu fim último, realizando-se enquanto pessoa humana.<sup>607</sup> A educação tem por função primordial ajudar as pessoas a serem melhores do que já são e por isso, mais conscientes e livres em suas escolhas, tornando-as mais felizes.

A educação freireana é fruto de uma preocupação refletida sobre a realidade do ser humano oprimido, desprovido da oportunidade de desenvolver sua autonomia e seu crescimento. Ao pensar num método para alfabetizar a grande massa brasileira, principalmente adultos, promove a libertação e a autonomia das pessoas, conscientizando-as de sua situação de opressão e marginalização pelo poder vigente. Critica, com sólida fundamentação, a educação “bancária” reproduzida pelas instituições educacionais. Esta forma de “educar” ou “ensinar” é antidualógica e por isso antagonica à educação “problematizadora” ou dialógica defendida e elaborada por Paulo Freire.

A educação bancária alimenta a “cultura do silêncio”, sustenta a invisibilidade da pessoa, coloca o educando numa posição de apatia, não-reflexiva, abre precedentes para comportamentos miméticos, vulnerabiliza-os diante dos mecanismos de massificação, de manipulação e de alienação.

Ao propor uma educação “problematizadora” fundamenta sua concepção de ser humano a partir da influência que recebe do humanismo cristão. O educador deixa claro que o ser humano se compreende a si mesmo, o outro e o meio em que está inserido de forma crítica, de forma histórica, política e sempre consciente de

---

<sup>607</sup> Cf. GASTALDI, I. *Educar e Evangelizar na Pós-modernidade*, op. cit., p. 59.

que é ser inconcluso. A pessoa está “*sendo*” no mundo e no mundo se revela. Estabelece-se o caminho da libertação/humanização como imprescindível para o conhecimento crítico produzir mudanças internas e sociais.

Na realidade de ser humano “inacabado”, surge um dado essencial na prática educacional freireana que é a aceitação do diferente, a predisposição à mudança, à novidade, pois o educador deve se compreender como ser cultural, histórico, inconcluso e em constante transformação como o educando. A concepção de ser humano é marcada pela certeza que todo homem é um ser em “inacabamento consciente”, característica especificamente humana.

Paulo Freire desenvolve a dialogicidade, como uma de suas matrizes teóricas e refere-se a ela como indispensável no estabelecimento de relações capazes de educar verdadeiramente, através da *colaboração, da união, da organização e da síntese cultural*. Acrescenta que ensinar é uma arte e não meramente uma transferência estéril e formal do conhecimento. Requer uma mudança paradigmática ou uma reforma do pensamento e do agir humanos. Essa realidade precisa ser bem compreendida e vivenciada pelos educadores e pelos educandos. No processo da formação/educação e da *práxis* dos educadores dá-se a abertura para uma análise crítica sobre a prática cotidiana e as necessidades de mudanças. Reconhecer os equívocos e as consequências do “pensar errado” e mover-se para um “pensar certo” é um esforço permanente de todo aquele que se sente e se diz vocacionado à formação.

Nesse contexto, torna-se ainda mais relevante a necessidade do testemunho e da *práxis* por parte dos educadores, com a indispensável articulação entre a teoria e a prática. Os discursos não podem caminhar solitários e nem destituídos de uma *práxis* anunciadora de esperança e justiça, de libertação e amorosidade.

Para Paulo Freire a amorosidade, a corporeidade e a sexualidade, atributos da existência humana, estão interligadas e devem ser observadas com profundo respeito e atenção por parte dos educadores em todo o processo educacional. Não há libertação e nem educação se essas dimensões não forem colocadas em pauta.

A “Educação”, portanto, segundo a concepção freireana é um instrumento eficaz para a libertação da pessoa humana. Todo empenho, através da educação conscientizadora/humanizadora a priori deve estar comprometido em conduzir as pessoas a tomarem a iniciativa de suas vidas nas próprias mãos, assumirem com

autonomia a realidade em que estão inseridas e se transformarem em co-autores da própria História.

A prática educacional de Paulo Freire resulta da preocupação e do compromisso com a realidade do ser humano oprimido. Juntamente com a possibilidade de se aprender a ler, de ser alfabetizado amplia-se a consciência e a descoberta do mundo e de como viver melhor. Desse modo, a Educação Dialógica exige que o educador concorde em atuar num espaço social onde a realidade é marcada pela injustiça social, pelo abandono por parte do poder público, ou onde a educação jamais esteve presente sob nenhuma forma; faça sua presença ir se tornando, aos poucos, uma convivência. O estar *no contexto* em que se encontra o educando deverá lentamente ir se tornando estar *com ele*. Essa é uma condição para desenvolver no processo educacional, uma postura de enxergar o futuro como problema e não como um determinismo a ser descoberto, como se o mundo estivesse pronto para receber homens e mulheres adaptados a ele.

Paulo Freire considera fundamental que o educador ajude os educandos a perceber o mundo não como algo que está pronto, mas como algo que *está sendo, está em acabamento*. Aqui se dá um “mistério”. O educador que se propõe a desenvolver uma prática educativa alicerçada nos fundamentos freireanos deve se conscientizar de que é impossível estar no mundo de modo neutro. Daí a importância de assumir, na medida do possível, o contexto do educando e estar inserido no processo levando-o a uma postura problematizadora, a partir do aprendizado que se dá através da “Pedagogia da Pergunta”, considerada por P. Freire como uma força criadora do aprendizado.<sup>608</sup> O educador desenvolve um caminho de inserção na realidade para além de uma adaptação. O educando tem diante de si a possibilidade de saber-se sujeito de escolha, decisão e intervenção na realidade que o cerca.

---

<sup>608</sup> Cf. APOLUCENO DE OLIVEIRA, I. *O ato de perguntar na Pedagogia Freireana*, op. cit., p. 47.

### Conclusão da Parte III

Na terceira parte o método educacional de Paulo Freire apresenta uma educação dialógico-libertadora. A metodologia desse educador brasileiro contribui para fundamentar os objetivos da tese: uma *educação para o amor* em vista de uma compreensão mais humana e integradora da dimensão afetivo-sexual da pessoa, a serviço da pastoral da Igreja no Brasil.

O capítulo quinto desenvolve, de forma sumária, a biografia de Paulo Freire. É necessário conhecer o contexto de sua história para entender, de maneira mais completa, a gênese de sua prática educacional desenvolvida a partir do método de alfabetização de adultos a partir dos anos de 1960. As etapas de sua metodologia demonstram sua sensibilidade e percepção da realidade onde está inserido. Sua experiência de vida o elucida e aponta para a importância de uma educação culturalmente contextualizada com os inevitáveis riscos a que o ser humano se expõe diante da possibilidade de transformar, pela educação crítica as situações de vida e da sociedade.

Paulo Freire em suas obras escreve sobre a importância dos vários importantes autores que o influenciam na construção do seu pensamento educacional. Faz referência também à fundamental contribuição do cristianismo e em particular da Teologia da Libertação como alicerces indispensáveis na sua concepção ética e na sua forma de “ver” as pessoas e o mundo. Essas influências o capacitam na sistematização de conteúdos em que acredita e assume para si com aguçada originalidade e autenticidade.

O capítulo sexto desdobra as matrizes teóricas e pedagógicas da Educação Dialógica de Paulo Freire. Reflete sobre o diferencial indispensável em seu método ao criticar o modelo tradicional de educação que denomina de “bancária”. Propõe de maneira fundamentada a educação das “perguntas”, caminho de integração e diálogo, capaz de tornar a pessoa fazedora e sujeito de sua história.

O diálogo não é mera troca de conhecimento nem sempre transformador. Infelizmente presencia-se posturas antidialógicas que intencionalmente servem para alienar, oprimir e cercear a capacidade das pessoas de pensarem e agirem de maneira ética, distanciando-as do exercício transparente de sua cidadania. Sendo assim o processo educacional requer cidadania e por isso é permeado por ação política de maneira ética e responsável.

O diálogo é aliado incondicional da educação, envolve as dimensões existencial, ético-política e metodológica, caminhos necessários para que a comunicação entre os sujeitos aconteça. Somente na relação de dialogicidade se promove o conhecimento e o aprendizado entre as partes envolvidas, isto é, entre o educador e o educando.

Não se esgota a explanação sobre a educação freireana. O objetivo da tese ao estudar o educador brasileiro, através do “recorte” escolhido é aproveitar, do seu pensamento, conteúdos mediadores para a construção de uma educação para o amor. Valiosos elementos educacionais perpassam as obras de Paulo Freire - *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia*, *Pedagogia da Esperança*, *Pedagogia da Pergunta* e *Pedagogia da Indignação*. No âmbito eclesial-pastoral esses elementos valorizam o processo de humanização, sem o qual nenhum projeto educativo é entendido e assumido como libertador e humanizador.

O método freireano é articulado concretamente através das matrizes educacionais com a reflexão teológica da ética sexual norteadora da tese. No que se refere à proposta educacional freireana, há uma *antropologia* específica em que o educador parte do princípio que todo ser humano tem uma “vocação ontológica a ser sujeito. Sujeito de sua história e, portanto, sujeito da história.”<sup>609</sup> Parte da filosofia humanista e aplica concretamente as influências que apreendeu como experiência de fé do cristianismo.

O ato de estudar e de conhecer exige um contínuo esforço conjunto, uma determinação incansável e uma disciplina intelectual que só pode ser realizada pela teoria e *práxis* bem interligadas tanto do educador quanto do educando.

Defender, como o fez Paulo Freire, esse caminho, pode transformar os resultados e reverter a recorrente falta de motivação do educando e do educador durante o processo de aprendizagem/relação de conhecimento. O aprendizado pressupõe da parte de quem o faz e de quem o recebe uma interação levando-os a assumir o papel de sujeito, cada um na sua condição específica. Essa dialogicidade crítica, fazedora de história, re-criadora de pessoas mais humanas, proporciona maior autonomia e responsabilidade ética, melhor exercício da liberdade, criticidade e certamente maturidade humana sempre crescentes.

---

<sup>609</sup> CAVALCANTI, T. M. P. *Tentativa de uma Leitura Teológica*, op. cit., p. 88.

Esse processo não é fácil e nem rápido e também não é tranquilamente aceito, sobretudo pelas hegemonias pouco reflexivas e/ou manipuladoras. Pessoas que pensam podem modificar a realidade e isso não interessa aos opressores. Ao contrário é um caminho de contrariedade como é a *práxis* evangélica, como é a proposta do Seguimento de Jesus e do Reino de Deus.

O pensamento freireano harmoniza-se com a reflexão teológica na sua missão de denunciante e anunciadora, isto é, instrumento do anúncio da Boa Nova que toma o seu lugar na sociedade também como fazedora de história, como lugar privilegiado do pensamento profético. Ao se fazer uma projeção para o futuro, com um olhar de esperança, acredita-se ser possível construir uma educação sólida e centrada na dignidade da pessoa humana, voltada para sua libertação e humanização. A sexualidade é melhor compreendida, vivida e celebrada no anúncio profético, na generosidade e na amorosidade. Acrescenta Paulo Freire:

Pensar o amanhã é assim fazer profecia, mas o profeta não é um velho de barbas longas e brancas, de olhos abertos e vivos, de cajado na mão, pouco preocupado com suas vestes, discursando palavras alucinadas. Pelo contrário, o profeta é o que, fundado no que vive, no que vê, no que escuta, no que percebe, no que entende, a raiz do exercício de sua curiosidade epistemológica, atento aos sinais que procura compreender, apoiado na leitura do mundo e das palavras, antigas e novas, à base de quanto e de como se expõe, tornando-se assim cada vez mais uma presença no mundo à altura de seu tempo, fala quase adivinhando, na verdade, intuindo, do que pode ocorrer nesta ou naquela dimensão da experiência histórico-social. (...) Para mim, ao repensar nos dados concretos da realidade, sendo vivida, o pensamento profético, que é também utópico, implica a denúncia de como estamos vivendo e o *anúncio* de como poderíamos viver. É um pensamento esperançoso, por isso mesmo. É nesse sentido que, como o entendo, o pensamento profético não apenas fala do que pode vir, mas, falando de como está sendo a realidade, *denunciando-a, anuncia* um mundo melhor.<sup>610</sup>

Educar, aprender, conhecer são questões complexas e trabalhosas. São processos difíceis, exigentes mas compensadores e prazerosos. O educador tem a feliz tarefa de criar a ambientação e a mobilização necessárias para que os educandos descubram e sintam-se alegres nesse empreendimento que tem a duração de uma vida. “O papel testemunhal do professor na gestação desta disciplina é enorme.”<sup>611</sup>

<sup>610</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação*, op. cit., p. 118-119.

<sup>611</sup> Idem. *Pedagogia da Esperança*, op. cit., p. 83.

A Quarta Parte, capítulo conclusivo desta tese, apresenta elementos da ética cristã e a educação dialógica libertadora. Aproveita alguns conteúdos do educador Paulo Freire na sua proposta ética e pedagógica como mediação e contribuição para a elaboração de uma metodologia de formação continuada da dimensão afetivo-sexual a serviço da pessoa na pastoral.